

TEOREMA DO *SEXO PASOLINI*¹

MD Magno

Mesa-redonda com João Silvério Trevisan,
no ciclo “Pasolini” do Centro Cultural Banco do Brasil,
11 setembro 1992

A Guest + a Host = a Ghost
MARCEL DUCHAMP

O que mais me interessa no Pasolini que conheço é o *Teorema de Pasolini*, com seus verbos significantes tanto para o lado do *theorous*, da Contemplação do mundo, quanto para o do *teós*, do Divino, se pudermos, por fórceps, chamar assim.

* * *

Não estou pensando no filme propriamente, em abordá-lo do ponto de vista cenográfico, hermenêutico ou semiológico. Interesse-me pelo *Teorema* de Pasolini. Ou seja, por aquilo que, decantado todo o processo de sua obra e centrando no acontecimento do filme chamado *Teorema* – e que o é –, possa, mediante sua invenção poética, aí estar teoremizado. A meu ver, isto invade toda sua obra (que, confesso, não conheço muito bem). Estou, então, interessado nisso enquanto o teorema poético de

¹ Publicado em *Pedagogia Freudiana* (Seminário 1992). Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 145-152

Pasolini, que também inclui um teorema matemático, um teorema político e explicitamente um teorema erótico. E, aí, o que me interessa é o teorema psicanalítico.

- *Teorema poético*. Poderíamos, por exemplo, invocar o último trabalho de Deleuze/Guattari no qual amarram a produção artística no que chamam de “plano de composição” para estabelecer uma diferença concreta para com a filosofia, a ciência, etc. Neste sentido, Pasolini consegue em *Teorema* construir um teorema poético mediante a inserção de um “personagem conceitual”, que aí destaco como o hóspede. Mas não é preciso fazer reportagem ao livro de Deleuze/Guattari diretamente, pois o próprio acontecimento poético chamado *Pasolini* induz, no filme, a produção de um teorema que é pensado por ele como teorema poético.

- *Teorema matemático*. Reportando-me ao pensamento contemporâneo de Alain Badiou, quero suspeitar que Pasolini está construindo – e ele não precisa ter consciência disso, pois o teorema poético garante a base da construção – um teorema matemático sobre determinado acontecimento em torno de um personagem (conceitual) que está querendo dizer alguma coisa que é matematicamente pensável.

Aquele hóspede absolutamente indefinido, aparentemente neutro, funciona no correr da estória como um indiscernível que se apresenta e obriga, como suporte de uma verdade, a uma série de movimentos de todos os outros personagens. Isto no sentido de

darem conta dessa verdade segundo as fidelidades que cada um tem para com sua própria história, seu próprio lugar, na sociedade, no mundo, etc. Ou seja, fiéis à sua, digamos, instalação sintomática no mundo diante da indiscernibilidade do personagem chamado *hóspede*. Aliás, nomeado muito a propósito, pois que se hospeda no meio da enciclopédia local daquela família, daquela cidade, etc., e cria uma zona de indiscernibilidade que é suporte de uma verdade que não se consegue dizer senão na fidelidade das operações sobre as bases sintomáticas de cada um. E é aquela coisa terrível que acontece com as diversas personagens.

- *Teorema político*. É o mesmo evento, o mesmo acontecimento e suas consequências na família, na pólis, na fábrica, etc. Pressão, de novo, de um indiscernível como fundamento de liberdade obrigando pronunciamentos nem que sejam gestuais ou artes, etc.

- *Teorema erótico*. É o que mais me interessa, no caso. Qual é o sexo do hóspede? Por via estritamente poética, sem adentrar em considerações matemáticas, tocando o político no próprio movimento dos acontecimentos ali, e o poético pelo filme, etc., Pasolini brilhantemente consegue exhibir algo que, no percurso psicanalítico que fazemos e no processo de invenção teórica que produzimos, é uma questão fundamental para a sexuação desta espécie chamada humana.

Isso extrapola de longe qualquer reflexão localizada sobre os comportamentos e a corporeidade daqueles que estão nesses

comportamentos, questões de homossexualidade, de heterossexualidade, etc. O teorema é muito bem construído.

* * *

A sexualidade, em última instância, é determinante para o pensamento psicanalítico. Dizia meu mestre Jacques Lacan que a realidade do Inconsciente é sexual. Isto é uma obviedade desde Freud.

Por outro lado, o que a psicanálise vem demonstrando, apesar de resvalos os mais idiotas de certas produções teóricas em seu campo, é: *o sexual freudiano não é absolutamente determinado senão pelo movimento do desejo de um ser que está apenso a esse movimento em absoluta desconexão para com os dados oferecidos espontaneamente por natureza ou mesmo por cultura, etc.*

Esse desejo se inscreve na carne da espécie como aquilo que foi, digamos, o ápice da concepção reflexiva de Freud: o conceito de Pulsão de Morte. O que pode significar o pensamento psicanalítico ter, na encarnação do desejo que fundamenta os movimentos da espécie, desembocado nisso que Freud chama de pulsão de morte, demonstradamente indicando que todos os movimentos pulsionais – todos os tesões aderidos ao corpo, à mente, que também faz parte do corpo – são tesões de morte. O que há de esquisito nesta espécie que, em última instância, deseja a morte?

Parece absurdo que a gente deseje a morte através de localizar movimentos desejanter sobre ofertas, disponibilidades, no mundo

que parecem de extrema vitalidade. Daí Freud ter entendido que a realização da pulsão de morte se dá no nível do que tem que chamar de Pulsão de Vida. O desejo de conseguir o Impossível se exprime nas possibilidades, nas disponibilidades, que se encontram em todo mundo, regionalizados em objetos, etc., que, em nosso movimento, fornecem o motor e a gasolina da pulsão chamada vital.

O que a psicanálise vem trazer, e vem trazer de novo com outras reflexões, é: o movimento de desejo na espécie é no sentido de seu esgotamento num gozo absoluto, numa Paz total, que só podemos pensar inserido nisso que conceitualmente se chama, sem se saber do que se trata, de morte. Desejamos gozar absolutamente e para sempre. Ou seja: não ter que gozar nunca mais. Mas isto simplesmente não há, por isso esse desejo é de impossível.

Fazemos a suposição de que gozar absolutamente é morrer de gozar, é claro! Só que essa morte não é senão uma ideia que fazemos de nossa própria ausência. Isto na medida em que também ela se torna impossível. Vemos pessoas perecerem, receberem atestados de óbito, serem levadas para o cemitério em seu caixão. Isto para nós é uma perda, mais nada.

A experiência do que se chama de morte, ninguém tem. É essa Coisa desejada, aspirada, como Paz absoluta, gozo definitivo de uma vez por todas, da qual ninguém tem experiência. Antes ainda de fenecer, de perecer, a pessoa já apagou, não vai gozar com essa morte, *never*.

Freud nos fez, então, entender que o fundamento do desejo encarnado na pulsão, portanto, fundamento do movimento de toda e qualquer sexualidade, é no desejo do Impossível, da “Morte”. Podemos, assim, dizer que, como membros desta espécie, diferentemente de todas as outras, estamos esteados no desejo do Impossível que é: Haver desejo de não-Haver.

Filósofos, como Heidegger, por exemplo, viveram quebrando a cabeça: por que há o Ser e não o Nada, por que há o que há e o que não há não há? O fato é: há o que há; dentro desse o-que-há cabe o que quer que haja; o não-Haver simplesmente não há e não dá para gozar com ele, mas é tudo que se deseja.

O Outro sexo do Haver não há. O único sexo que conhecemos é o que há. E o que quer que haja deve ser do Outro sexo, porque há. Nesse desejo abstruso, nesse horror, no entanto com um tesão maravilhoso, encaminhamo-nos por dentro de todas as determinações de nossa existência (que Freud chama: o conjunto geral das sobredeterminações).

* * *

Mas esse movimento é excedido a cada passo por seu fundamento, que é Outra determinação radical. Chamo-a de HiperDeterminação: acima de todas as determinações de nossa vida, de todos os tesões e horrores localizados, é esse empuxo radical de nosso desejo para o não-Haver, para o gozo absoluto, para a Paz total, inconsecutível, e que, lá na beira do limite entre tudo que há para nós e o que não há, faz um grande Vazio.

Constitui-se o que a matemática chama de conjunto vazio. E quando nos aproximamos desse lugar, deparamo-nos com nossa absoluta indeterminação quanto a conteúdos determinísticos no que diz respeito à sobredeterminação do que há. Mas é absolutamente determinado pelo empuxo do não-Haver, que tanto queremos.

Lá nessa beirinha, quando se abre mão das oposições, dos contrastes, das contradições de nossa vida, etc., e se aproxima dessa região absoluta em que a sexualidade não é entre isso ou aquilo, macho ou fêmea, preto ou branco, mas sim entre Há e não-Há, começamos a abeirar, a frequentar o Vazio. Chamo a este lugar, roubando da *Ode Marítima*, de Fernando Pessoa, de: *Cais Absoluto*, no gozo radical entre Haver e não-Haver.

Não é um lugar muito frequentado, pois costumamos nos perder nas oposições cá de baixo, entre as coisas que estão aí à disposição: gozamos um pouquinho aqui, ali, etc. E estamos naturalmente debaixo de pressões violentas do processo que Freud nomeou Recalque, mediante repressões violentas que não são feitas só porque os outros não gostam da gente ou são contra nós. São mesmo feitas por esse ser, que tem a competência de se virar extrapoladamente até chegar na região de Vazio absoluto, estar preso nesse “macaco”, nosso corpo, que infelizmente é extremamente careta: tem um só sexo, uma anatomia absolutamente idiota, não tem roda, hélice, asa...

Coisas que, do ponto de vista de meu movimento psíquico em relação às possibilidades do Haver, eu as requisito todas. Costumo dizer que é chato podermos trocar de roupa, mas não sair hoje de lourinha, amanhã de negão, como está no filme de Michael Jackson, que é absolutamente correto. Nossa plasticidade proteica ainda não permite esse passeio, mas podemos fazer de conta, podemos ser travestis, travestis do próprio sexo até: pode-se fingir que se é macho...

É lá nesse lugar que estou chamando de Cais Absoluto e onde se intensifica a HiperDeterminação, que é possível denunciar-se para nós a possibilidade de ser *Sujeito*, de dizer nomeadamente alguma coisa que se arrancou daquele indiscernível. Por exemplo, o indiscernível que era o hóspede na casa aquela família, naquela cidade.

É a aproximação dessa Denúncia, da possibilidade de tornar-se Sujeito porque disse alguma coisa de verdadeiro, e não meramente de saberes em que estamos enredados, que, para quem ali chega, indifere radicalmente todos os extremos. Então, qual é o sexo do hóspede?

Qual é a postura diante dos ditames morais ou culturais? Tanto faz estar “ébrio de Deus”, como certo autor chamou os santos da Tebaida, quanto, através da carne, pode-se pensar, numa prática um pouco escandalosa, num Marquês de Sade, ou num outro tipo de reflexão, num Georges Bataille.

Na HiperDeterminação, à beira do Cais Absoluto – que é lugar de Vazio, de indeterminação absoluta, o que deixou Kant completamente pirado procurando uma determinação moral e achando a bobagem que achou –, no vigor e fulgor de um tesão, um desejo, uma vontade de gozo absolutos, faz-se entre todos os da nossa espécie um *Vínculo Absoluto*. É nesse lugar que há vínculo possível, absolutamente não discernível, não distinguível.

Vivemos numa época em se reclama o quê? A falta de vínculo: os vínculos ruíram. O capitalismo universal tem a competência indiscriminada de dissolver todos os vínculos. Mas não este, que faz o seu próprio vínculo de capitalismo com nossa loucura sexual. Ali, estamos todos vinculados. Abaixo dali, estamos nas diatribes, nas lutas e nas determinações locais, moralizantes, sobre como deve ser o comportamento de um bicho desta nossa espécie, um bicho louco.

Qual é, portanto, o sexo no Teorema montado por Pasolini? Não desenvolverei aqui, mas é facilmente demonstrado do ponto de vista matemático. Qual é o sexo desse hóspede... que somos nós quando decidimos assumir o lugar de Cais Absoluto, que é o nosso destino fundamental? É absolutamente *genérico*.

A presença desse personagem, sua sexualidade, é absolutamente indiferente às diatribes da sexualidade dentro do campo da cultura em que temos estado por todos esses séculos de séculos. Está aí o Sexo Terceiro do que chamo (não de hóspede,

mas pode ser o hóspede de Pasolini) de *Falanjo*: esse Anjo que fala através de nós.

Não preciso pensá-lo como anjo exterminador como alguns pensam que é na obra de Pasolini; nem mesmo como mensageiro de Deus, embora, dependendo da nomeação que se dê à personagem, possa sê-lo; ou como um Jesus Cristo erótico (que, aliás, era mesmo um cara muito erótico). Mas sim como: Sujeito HiperDeterminado e de Sexo Genérico, que é nossa condição última como membros desta espécie.

É claro que todos somos massacrados, afogados, dentro de todos os processos de recalque. Isto desde a constituição anatômica que recebemos até todos os percalços da etologia animal, que esta espécie não está livre de sofrer; da Neo-Etologia cultural se acumulando em cima da espécie fazendo macacos novos brilhantes, inteligentes, cientistas, etc., porém ainda macacos. Macacos enquanto não se dão conta do genérico de seu lugar à beira do Cais Absoluto como última instância de sua possibilidade de reconhecimento de si mesmos.

* * *

Daí que – no sentido de reformular aquilo que a cultura tem de massa recalcante, de estupidez a respeito de seus próprios funcionamentos – preocupo-me menos com posições sexuais, de Pasolini ou de outro qualquer, do que com o fato de que esta espécie precisa se pensar em seu nível adequado: lá no lugar último de sua concepção à beira desse Vazio radical, onde tudo se torna

absolutamente indiferenciado no vigor da Diferença extrema entre a Indiferenciação de tudo que há e a Diferença radical de que o não-Haver se nos depara.

Depois de chegar lá, temos que retornar ao seio do mundo, da cultura, etc. Mas tendo passado pela experiência – e é esta que a psicanálise pretende propiciar – de ter visitado aquele lugar, então, rever todas as acumulações culturais que estão ao nosso redor como meros sintomas. Sintomas que podem ser linguisticamente articulados, falados, mas não tenho obrigação de estar preso a determinado sintoma, nem mesmo porque meu corpo decidiu assim, pois não fui consultado. E no que sou consultado, posso fazer disso uma articulação absolutamente genérica.

Se há, então, luta política nesse campo, nesse lugar, é muito mais importante que venhamos a reconhecer a genericidade da espécie – exemplarmente representada na genericidade dos sexos, mas é genericidade de tudo – para a reconsideração de todos os funcionamentos políticos, matemáticos, eróticos e poéticos, etc., no campo do sabido a partir deste reconhecimento. Isto ao invés de estarmos nas lutas localizadas entre posições tomadas por gosto ou por sintoma, por este ou por aquele.

Acho, por exemplo, que Pasolini não é homossexual. Simplesmente, acho que a homossexualidade não existe.

• JOÃO SILVÉRIO TREVISAN – *Eu não existo?*

Você existe brilhantemente! Apenas estou implicando – já que você, em sua exposição, estava falando em pontos de vista, de

olhar, etc. – com a posição outra que posso tomar em relação a isso. Para alguém ser homossexual, é preciso que acredite piamente numa postura sexual consagrada, definida e imutável. Se você passa para o lado do Sexo Genérico, quem não tem outro sexo diante de você? Qualquer um!

Se faço minha representação dentro da cultura como a cultura quer adequar a sexualidade ao desenho da anatomia, aí vou definir: heterossexual é o cara que transa com o outro que tem o sexo oposto. Aí é questão de definir o que é “oposto”. E homossexual é o cara que transa com outro que tem o sexo igual. Mas isto é coisa de macaco, pois apesar de o “macacão” que me porta ter a estupidez de ter sido desenhado de modo que não posso sair de negão ou de lourinha, apesar disso a genericidade de meu processo me indica que o que quer que compareça diante de mim é absolutamente outro.

É preciso ter feito o percurso e ter assumido esse lugar de Terceiro, que não é um sexo intermediário, entre os dois. Aliás, houve um jornalista idiota que disse que eu chamava de Terceiro Sexo os “homossexuais”. Não! É o sexo de qualquer um de nós, que é terceiro em relação a qualquer oposição. É um terceiro que vem sendo excluído porque tanto a reflexão quanto o percurso feito de cada um não levaram cada um a entender que está sempre numa terceira posição em relação às oposições do mundo e que, em seu processo de desenvolvimento aí dentro, pode manejar, revirar isso à vontade: preto em branco, claro em escuro, macho em fêmea...

É claro que, na história de cada um, a pessoa está apegada sintomaticamente a um percurso e a certos acontecimentos que sintomatizam, regionalizam, para ela. Então, de repente, ela é do sexo macho e tem o sintoma de, em seu percurso, interessar-se pelo sexo fêmeo, aí o chamam de heterossexual. Mas, do ponto de vista de sua inserção sintomática paralisada, ela é absolutamente homossexual, pois só tem aquele sexo, coitadinha. Pode ser o contrário: ela é macho e, esteticamente, no desenvolvimento de sua história, seu barato, sintomaticamente – não esqueçamos isto –, é o outro sexo macho. Mas que, para ela, é do outro sexo, se não, não estava procurando.

Qual é a posição sexual verdadeira? É a de ser absolutamente indiferente a isso. Todas as situações, as posições definitivizadas aparentemente na história da pessoa, são sintomáticas. Isto com todo respeito, pois há que ter respeito por todos os sintomas, já que tenho o meu e quero que seja respeitado. No entanto, o percurso curativo é a pessoa encaminhar-se no processo de busca e aproximação do Vazio do Cais Absoluto. Isto, de maneira a saber que, em sua história, há determinadas formações sintomáticas, mas que nossa sexualidade é absolutamente genérica. Ou seja: vão acontecer coisas e minha sexualidade espera o acontecimento para se dizer. É preciso fazer muita força, ser extremamente recalado, obediente, à ordem dos recalques, para evitar como qualquer bom machão, boa bicha, boa mulherzinha ou bom sapatão fazem –, que, de repente, se tenha um encontro maravilhoso com o que se menos

espera. O mais frequente é colocar-se uma pedra em cima, chamada recalque, e não se falar mais disso. A sexualidade verdadeira, no nível genérico da espécie, espera um acontecimento, depende de um evento: um grande amor, um grande tesão, um choque estético.

Se nos reportarmos ao filme *Teorema*, de Pasolini, veremos como ele brilhantemente mostra isso comparecer naquele personagem absolutamente indiscernível para os outros, apesar do corpo aparentemente macho, da aparência de camponês belíssimo, etc. Ele funciona como gazua, chave que entra em qualquer buraco, e cria toda a loucura que cria em função dos sintomas, da disponibilidade, de cada um: da santidade da empregada à bobagem da dona de casa no nível da dispersividade sexual e seu retorno à igreja, no sentido do pequeno burguês, etc.

* * *

[*Perguntas e Respostas*]

...Efetivamente, não posso acreditar que isso que querem chamar de “homossexualidade de Pasolini” seja causado por nenhum cristianismo. Ninguém precisa de cristianismo para transar com o próximo, seja ele qual for. Certamente que é o modo de operação da sexualidade de Pasolini que está comprometido com o Ocidente burguês, cristão, etc., nas lutas dentro desse processo.

Não posso acreditar que sua escolha seja para além de alguma coisa pessoal em nível estético, de um achado, etc. Eu não acreditaria, por exemplo, que seja muito viável que ele só tenha amado como mulher a mãe dele, como foi mencionado na pergunta

que me foi feita. Não conheci o rapaz – gostaria muito de tê-lo feito –, mas certamente amores... Amores não têm sexo. Ele deve ter amado outras mulheres. Talvez não as tenha comido. Não era do gosto dele, paciência! Faz muito bem: cada um come o que gosta. E gosto não se discute.

A partir do princípio genérico que coloquei, pergunto: qual é o sexo de Pasolini? *O sexo de Pasolini chama-se: Pasolini*. É isto que não nos damos a chance de entender na história de cada um. Ele inventou e resolveu seu movimento desejanste encarnado segundo uma sexualidade – e da dele temos provas, pois se constituiu como Sujeito e disse esse nome numa obra, numa vida, etc. – inventada num sexo chamado Pasolini. Se ele conseguiu inventar um sexo chamado Pasolini, que não tem outro igual, qualquer um que transar com ele é heterossexual. Sexo Pasolini, só há um. O que é mais impactante, chamá-lo de homossexual ou dizer que é absolutamente heterossexual?

• JOÃO SILVÉRIO TREVISAN – *Você acaba de criar um novo conceito para heterossexual*.

Graças a Deus! Muito obrigado! É coisa de macaco eu olhar para o corpo do cara, tem uma piroca, então é do sexo macho. Ele, por questões estéticas, prefere transar com outro corpo que tenha esse mesmo penduricalho, mas o sexo dele chama-se Pasolini, não há outro igual. Transou com ele, é hétero.

Se ele pessoalmente, na constituição de seus gostos estéticos, está sintomatizado em só achar o barato onde encontra determinada

coisa... Uma pessoa não pode só ter tesão em loura? Pode! Acho uma falta de imaginação muito grande, mas pode, tem gente que é assim: é macho como o diabo, mas só loura, moreninha nem pensar... Então, qual é a diferença?

Inventou-se, no percurso do pensamento ocidental – e até as “neuras” pessoais de meu caro Sigmund Freud ajudaram a colaborar com isso –, de tentar resolver a questão numa adequação com a anatomia. Não creio que isto seja possível. A anatomia é o destino, resta saber qual.

É, então, preciso, caso a caso, entender como o processo se monta. O que tem de elementos da ordem do estético fundamentalmente, da ordem dos elementos recalcantes, das subtrocas que a pessoa pode fazer no nível do recalque. Quem sabe se Pasolini não estava dizendo: certo cristianismo me fez tanta pressão que entendi o contrário? Não é pouco frequente encontrar-se isto numa análise.

Há pouco tempo uma analista me relatava um caso disso que chamam de um “radical homossexual”. Seu pai era um bravo general do exército brasileiro que o levava, quando menino, ao quartel e mostrava os soldados garbosos em seus uniformes dizendo-lhe: “Meu filho, mire-se na virilidade desses homens!” Foi o que ele fez! Cada um entende a frase como pode. É assim.

De qualquer forma, na referência ao genérico da sexualidade, pessoalmente acho que é pedir muito pouco fixar-se demais num

sintoma. Acho um pouco de prejuízo, de desperdício. Isto porque há uns brinquedos diferentes que, de repente, são interessantes...

• JST – *Há um detalhe a ser considerado, que Pasolini se sentia perseguido enquanto homossexual. O Sexo Pasolini, tal como criado enquanto Pasolini, havia nele uma componente profunda de perseguição política pelo fato de ele ser não aquilo que você definiu como heterossexual, mas aquilo que a sociedade que ele viveu definia como homossexual. Então, há uma briga de conceitos e o conceito da sociedade está acima de seu conceito.*

É verdade. À medida que estou na linguagem corrente subvertendo o conceito, isto é uma forma estratégica de operação, segundo meu ponto de vista, no sentido curativo do processo social. Mas não podemos esquecer que o que está entranhado como sintoma funcionando conceitualmente é isto que você acabou de dizer.

Minha questão é: ao invés de se lutar por um processo curativo do social contra o que chamo de perversidade social que foi operado sobre ele – e isto sim é que é perversão – insistindo na luta segundo os termos da cultura vigente, por que não utilizar-se de teorias, pensamentos, reflexões, no nível da poética, da matemática, da política, da erótica, etc., que são absolutamente, viáveis hoje em dia, de modo a fazer com que a influência intelectual, científica, cultural, etc., possa mudar o conflito?

Eu diria mais. Não sei se Pasolini foi perseguido porque fosse homossexual, mas sim porque era homossexual declarado e em

guerrilha. Isto porque homossexual pode estar no poder. Todo mundo sabe disso. Só que ele funciona como se não o fosse. E a assunção da guerra, da guerrilha, que Pasolini operou, guerrilha no cinema, foi o que fez seu processo de perseguição, sobretudo por parte dos enrustidos, certamente.

* * *

...Metáforas são balas, de chupar ou de furar. Mas não se consegue dizer absolutamente nada fora da metáfora. É impossível dizer alguma coisa sem metáfora, mas ela é uma faca de dois gumes, como todas as facas. Uma metáfora como decantação de algo que se conseguiu dizer a partir de uma indiscernibilidade qualquer – ou seja, a tentativa de dizer uma verdade é produzir uma metáfora –, porque está decantada mesmo no momento em que se a diz, ela é um Sintoma, como qualquer outro.

Resta saber o que se faz com essa bala sintomática. Mas não podemos esquecer que todos os sintomas que nos sufocam são metáforas também eles. A questão é, então: qual é o processo, passo a passo, na produção das metáforas? O fato de haver metáfora não significa de modo algum que vai haver um passo. Metáforas somos nós: estamos aqui metaforicamente, fantasiados, sentados, esculpidos segundo metáforas antigas, que foram brilhantes num certo momento e que, talvez, tenham renovado alguma coisa.

É na vizinhança do Vazio da indiscernibilidade que tenho que colher a chance, se me acontecer – porque ninguém vai construir a

chance: ela me vem –, de produzir uma metáfora nova que possa deslocar as velhas. Sendo que uma metáfora velha, para quem não sabe, dela, por exemplo, instalada numa obra qualquer, pode funcionar para aquele sujeito como nova.

É, pois, uma faca de dois gumes: um balé, um jogo de produção no ato e no processo de metaforização. O que, por exemplo, acontece numa análise? Que a pessoa possa dizer sua metáfora, constituir-se como Sujeito e manter a suspensão de continuar a metaforização. Na verdade, vivemos a maior parte do tempo do uso repetitivo de metáforas enxovalhadas. E pior: cremos nelas.

...A aproximação do Cais Absoluto não é senão a tentativa de aproximar essa coisa absolutamente indiscernível, que será para sempre indiscernível, que é a ideia, o nome que damos de *Morte*. Mas não há a menor condição de abordar isso. Digo mesmo que a morte não há. As pessoas pensam que estou maluco, já que vão ao cemitério, veem enterros... mas o que há é que alguns pereceram, parece que acabaram. Gosto de repetir o que Salvador Dalí mandou escrever em sua sepultura: “Dalí está morto, mas não todo”.

Sofrer uma perda – o que, em nosso registro, chama-se castração, e que não é que tenham cortado algo da gente – que parece que não tem volta é o que temos, mas não a experiência do que se chama de morte. Temos, sim, a experiência de aproximação do vazio radical – é preciso estar vivo para aproximar-se disso – e a experiência de Indiferenciação radical diante de tudo que há, o

que sonhamos como não-Haver, sem saber do que se trata. Este aí seria o lugar da “morte”. Lugar que me dá condições de retornar para o campo das metáforas surradas e fazer outra, pressionado por alguma indiscernibilidade, por algum acontecimento pelo qual passei.

E o Sexo dos Anjos é o sexo do hóspede: é o nosso sexo. Precisamos conseguir entender que a sexualidade de nossa espécie não está subdita à sexualidade reprodutora do macaco de onde tivemos nossa herança. Nosso sexo é absolutamente genérico. Somos de um sexo que chamo de Terceiro Sexo ou dos Anjos e que, por ser um terceiro lugar, pode transar não só os outros dois sexos, mas os que pintarem. Não é obrigado, mas pode.

Esse, então, é o que chamo de Sexo dos Anjos ou Terceiro Sexo, ou Sexo do Falanjo: a genericidade da sexualidade humana. O resto é metáfora surrada. Metaforizou-se, organizou-se isso lá no Neolítico, do qual não saímos até hoje. Este é o problema: o modo de articulação da vida, da família, da sociedade... Lévi-Strauss aí está que não deixa ninguém mentir... Quem sabe, no século XXI, não acontece uma revolução de tal magnitude que seja a extinção do Neolítico, a invenção de outro lítico!?

E não é preciso pensar só no nível da sexualidade. Tudo que estamos falando aqui acontece em qualquer nível de produção metafórica. Pasolini pode ser malquisto porque expôs a dita “homossexualidade” de maneira guerrilheira, dentro da cultura, etc. Mas o simples fato de se operar um novo teorema matemático,

uma nova forma de música, pode causar danos seríssimos. Está aí toda história da música, por exemplo, em que podemos verificar isso.

A massa compacta dos processos recalcentes, recalcados, etc., se recusa porque teme sair desse neo-etológico, sair para uma outra espécie, para um macaco sabido, etc., dar um passo a mais e sair para uma outra. Sempre é malquisto o poeta. Vamos falar a verdade, ser honestos: ninguém gosta de poeta, porque incomoda.

Quando o poeta chega a dizer alguma coisa, ou já passou algum tempo ou aquilo, porque foi dito e o cara virou uma figura notória, um figurão dentro da cultura, já foi para os livros da escola secundária, aí ele se torna uma “otoridade” cultural.

Então, pego uma metáfora sua, que funciona como coisa nova para meu campinho pequeno de metáforas surradas, e gosto dele porque já está consagrado. Mas no momento em que o poeta diz, ele está sozinho. Pasolini declarou isto o tempo todo. É a absoluta solidão. Ele não vai ser amado por isso. Já pensaram no ódio que um matemático pode produzir porque inventou um teorema... que nos será extremamente útil amanhã?

[Revisto 11.03.2022]